

Questões do contemporâneo: ecojoias da Amazônia e globalização¹

Phillippe Sendas de Paula Fernandes²

Dilermando Gadelha de Vasconcelos Neto³

Maria Alice Duarte⁴

Universidade do Porto, Porto, Portugal

Resumo

Revolução dos transportes e dos meios de comunicação no século XX. Encurtamentos das fronteiras e da concepção do tempo. Os limites são outros e o fenômeno não é nada recente: pode-se definir como marco inicial os séculos XV e XVI, tempo das Grandes Navegações. Estamos falando sobre a globalização, fenômeno amplamente discutido nas diferentes áreas do saber com diferentes olhares: político, econômico e cultural. Definimos como objeto de análise as ecojoias produzidas na Amazônia, região cada vez mais em pauta no mundo principalmente pela questão ambiental. A proposta deste trabalho é fazer uma reflexão sobre os aspectos da globalização – principalmente o cultural – e a produção das ecojoias, estruturando-se em pesquisa bibliográfica para contextualizar a região e a obra de Malcolm Waters (1999) como referência básica sobre a temática da globalização.

Palavras-chave: Globalização; ecojoias; Amazônia.

À guisa de introdução

Globalização é uma palavra que já faz parte do senso comum há algum tempo. Como nos diz Malcolm Waters (1999), ela começou a ser utilizada mesmo nos anos 80-90, não no sentido mais teórico que possui atualmente, mas já para mostrar a confluência daquilo que, a grosso modo, poderíamos chamar de “os vários mundos” que compõem o planeta Terra. Vários mundos não no sentido pragmático da palavra, mas no sentido de mostrar que realidades outrora tão díspares e dispersas tanto geográfica quanto culturalmente e que pareciam estar em planetas separados, passaram a fazer parte de um turbilhão de influências mútuas. O teor dessas influências e a sua operacionalização ainda são alguns dos pontos mais discutidos nas Ciências Humanas atualmente e, neste trabalho,

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Fortaleza (CE), entre os dias 3 e 7 de setembro de 2012.

² Estudante do 7º semestre de Comunicação Social, Jornalismo, da Universidade Federal do Pará, em intercâmbio acadêmico na Universidade do Porto, Portugal, financiado pelo Programa Santander Universidades. E-mail: psendas7@hotmail.com.

³ Estudante do 7º semestre de Comunicação Social, Jornalismo, da Universidade Federal do Pará, em intercâmbio acadêmico na Universidade do Porto, Portugal, financiado pelo Programa Santander Universidades. E-mail: dilermandogadelha@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Doutora em Antropologia das Sociedades Complexas, professora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. E-mail: alice_duarte@hotmail.com.

objetiva-se mostrar um pouco desse fenômeno chamado globalização no caso particular das ecojoias produzidas na Amazônia brasileira.

De acordo com Luis Aragón (2002, p. 3), essa faixa de terra ocupa mais de 60% da superfície brasileira, seguida do Peru (com 10%). No Brasil, a delimitação do espaço é bastante diversa e controversa, mas, de acordo com a divisão oficial, a região da Amazônia Legal – uma nomenclatura definida por lei em 1953 e que possibilitou a criação da Superintendência de Valorização Econômica da Amazônia (SPEVEA) – estende-se por sete estados da região Norte do Brasil: Pará, Amazonas, Amapá, Roraima, Rondônia, Acre e Tocantins; mais o Mato Grosso e o oeste do Maranhão (STEINBRENNER, 2009, p. 30).

Em relação ao contingente populacional da região, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta, em censo realizado nos anos 2000, que 20,3 milhões de pessoas (12,32% da população nacional) vive na Amazônia. Desses, aproximadamente 70% vive em zona urbana.

Estamos falando de uma região complexa e multifacetada, sócio-cultural e geograficamente. Na Amazônia brasileira, metrópoles e pequenos municípios, muitas vezes separados por grandes distâncias de rios, estradas e florestas, figuram no extenso espaço que ocupa no território nacional. Concomitante a essa diversidade, a cultura também é multifacetada. O poeta e pesquisador João de Jesus Paes Loureiro (2001) afirma que há dois grandes espaços sociais tradicionais da cultura na Amazônia, o espaço da cultura urbana e da cultura rural:

A cultura urbana se expressa na vida das cidades, principalmente naquelas de porte médio e nas capitais dos Estados da região. Nas cidades, as trocas simbólicas com outras culturas são mais intensas, há maior velocidade nas mudanças, o sistema de ensino é mais estruturado, os equipamentos culturais são em muito maior número e há o dinamismo próprio das universidades. No ambiente rural, especialmente ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história. A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural. (LOUREIRO, 2001, p. 65).

Como se percebe, na Amazônia, a relação homem-natureza é bastante significativa em vários âmbitos, inclusive o cultural. De acordo com o objetivo deste trabalho, ir-se-á discutir a proposta teórica sobre globalização, de Malcolm Waters (1999), levando em

consideração a produção das ecojoias da Amazônia, em que a matéria-prima para a confecção são as sementes da vegetação nativa da região.

Registra-se aqui a importância da discussão do tema em um congresso científico de Comunicação, primeiro pela interdisciplinariedade do tema – caráter estruturante da epistemologia da área – e também pela revolução nos meios de comunicação que reflete atributo significativo nas diferentes fases pelas quais passaram (e ainda passam) esse fenômeno definido como globalização. Na grade curricular da graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Pará (UFPA) existem disciplinas preocupadas em apresentar e discutir de forma profunda temas do mundo contemporâneo. Este é um trabalho que reflete o exercício realizado no curso e com a temática regional debatida em outra instituição de ensino superior, ou seja, a Universidade do Porto, por acreditar que, mesmo sendo algo específico de uma região, diante da reflexão que será feita sobre o fenômeno já mencionado, o tema se torna universal. A metodologia deste trabalho se estrutura basicamente em pesquisa bibliográfica recorrendo a diferentes autores para trabalhar a contextualização da Amazônia brasileira e, definindo a obra de Malcolm Waters (1999), como referência principal sobre a globalização.

Globalização: um fenômeno de três ângulos

De acordo com Waters (1999), a globalização não é um fenômeno recente, mas existiu desde sempre. Para o autor, o que diferencia a globalização que acontece mais precisamente depois da Segunda Guerra Mundial, daquela iniciada com os regimes imperialistas é apenas o grau de intensidade e a maneira como esses processos são percebidos nas sociedades. É com base nessas assertivas que Waters divide o fenômeno em vários estágios:

O processo evoluiu de modo irregular através das antigas expansões imperiais, das explorações marítimas, que incluíam o comércio e a pilhagem, e da difusão das ideias religiosas. [...] O percurso linear da globalização, tal como estamos a vivê-lo agora, começou nos séculos XV e XVI, nos ‘primórdios da era moderna’ [...] O mais importante é que, até então, os habitantes da Eurásia, da África, da América e da Austrália ignoravam totalmente a existência uns dos outros. (WATERS. 1999, p. 4).

A partir deste excerto podemos perceber que o estágio de globalização em que nos encontramos hoje é a culminância de um processo histórico e, principalmente, que – na ótica de Waters – possibilitou o encontro de populações completamente desconhecidas,

culturas diferenciadas e formações sociais particulares. Na tentativa de explicar o fenômeno, o teórico aponta três correntes principais do pensamento social: aquela que se assenta nas características puramente econômicas da globalização; uma segunda com um viés político; e uma terceira que prima por uma análise cultural.

Waters, em sua obra, critica as duas primeiras vertentes. A econômica por creditar ao sistema capitalista o papel de principal impulsionador da globalização, além de subordinar todos os processos sócio-culturais dela decorrentes à simples aquisição de lucros e luta de classes. Quanto à questão política, Waters acredita que a globalização não se dá em termos de dominação entre nações e na emergência de um Estado mundial comum, no qual todos os países desse novo sistema seriam governados por uma mesma autarquia. Para o teórico, a globalização se explica muito mais em termos culturais.

Para além de questões puramente econômicas e políticas, houve um processo de encurtamento de fronteiras espaço-temporais. A caracterização desse fenômeno é variável dependendo de qual autor e teoria nos referimos, mas o ponto comum é que a revolução dos transportes e da comunicação ocorrida a partir da segunda metade do século XX proporcionou um intercâmbio cultural nunca antes visto.

O encurtamento das fronteiras espaço-temporais refere-se justamente à possibilidade de, por exemplo, por meio de uma ligação de celular, um e-mail ou uma notícia de televisão, conectar pessoas do Brasil e da Índia ou do Japão em tempo real. Esse intercâmbio gera dois fenômenos que, apesar de aparentemente paradoxais, acontecem em concomitância: o primeiro é a “internacionalização” cultural, no sentido de que o que antes eram manifestações apenas locais – como o *American Way of Life*, por exemplo – passam a ter um resvala, um reconhecimento mundial.

Por outro lado, o exemplo do *American Way of Life* é importante para mostrar que, ao mesmo tempo em que algumas componentes culturais passam a ser globalizadas, há a possibilidade do fortalecimento de culturas regionais, do individualismo. De acordo com Waters (1999), a possibilidade de percebermos a quase infinita variedade de culturas permite também o reconhecimento das particularidades e o surgimento de subculturas, de movimentos culturais cada vez mais tópicos e localizados na desterritorialização cultural em que vivemos.

Para terminar esta pequena revisão bibliográfica, é importante que reparemos na palavra “perceber”. Ainda para Waters (1999), a reflexividade é justamente a possibilidade de perceber que o fenômeno da globalização existe, que as realidades particulares estão

conectadas numa teia global, e que esse fenômeno é irreversível em questões tanto teóricas quanto pragmáticas fazendo com que a globalização seja cada vez mais forte.

Ecojoias: recursos naturais e preservação na Amazônia

No final dos anos 60, um relatório publicado pelo Clube de Roma, entidade que debate vários assuntos internacionais, de política ao desenvolvimento sustentável do planeta, apontava para uma constatação alarmante: os recursos naturais não-renováveis do mundo se esgotariam a longo prazo. Nesse contexto, a noção de desenvolvimento do planeta era identificada a partir dos direitos sociais, segurança social e de políticas redistributivas de renda até que, em 1987, a Organização das Nações Unidas (ONU) divulga o documento “Nosso Futuro Comum”, em que define o que seria desenvolvimento sustentável: “o desenvolvimento que satisfaz às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem suas próprias necessidades” (MOTA, 2001, p. 37). Na atualidade, uma das discussões mais frequentes refere-se à questão do desenvolvimento do planeta, uma discussão globalizada em si, levando em consideração a preservação ambiental. Recentemente tivemos o exemplo da *Rio+20*, a Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, reunindo, entre 13 e 22 de junho, líderes de várias nações do mundo, pesquisadores e ambientalistas no Rio de Janeiro em que as discussões estavam direcionadas para questão da sustentabilidade do planeta.

Na Amazônia, em que os cenários de devastação do maior bioma do mundo são cada vez mais preocupantes, os olhos do planeta se voltam para a região. No entanto, segundo Rosane Steinbrenner (2009), atualmente, a construção da imagem da Amazônia é fundamentada na “centralidade ambiental”, ou seja, na referência constante aos aspectos relacionados à biodiversidade da região. Em contrapartida, essa visão exógena atribui à Amazônia um vazio demográfico, aquilo que a pesquisadora chama de “grandes fantasmas” da região, quando se refere às populações urbanas.

Não é de hoje que a imagem da Amazônia é pautada pela temática ambiental. Desde os relatos de viajantes, a partir do século XVI, relatados em inúmeros estudos [...] até os discursos recentes, presentes na mídia [...], a representação do espaço amazônico é cunhada pela noção do *exotismo*, revertido recorrentemente em *estranhamento* ou *encantamento* diante da “terra incógnita” [...]. Seja como for, a floresta surge como atributo máximo de classificação da Amazônia, o que por si só reforça, em paralelo, a idéia de *desumanização* do espaço, traduzida, por exemplo, na

noção emblemática do “vazio demográfico” (STEINBRENNER, 2009, p. 19, grifos do autor).

Com uma abordagem relacionada aos sentidos circulantes sobre a Amazônia nos ambientes midiáticos, Netília Seixas (2010, p. 61) também identifica que “parte desses sentidos se origina nos relatos dos primeiros viajantes que passaram pela região”. Além disso, a pesquisadora aborda, de acordo com análise de relatos de viajantes, de programas de televisão e de dois sites da Internet, a atribuição de identidades sobre a Amazônia a partir dessas produções, ao longo do tempo.

Como se percebe, Amazônia e centralidade ambiental andam juntas, ainda mais com o debate sobre sustentabilidade cada vez mais presente. Mas de que maneira se pode falar em preservação e desenvolvimento na Amazônia? Muitas são as formas. Um exemplo importante são as ecojoias, objeto de análise deste trabalho. É importante destacar que neste ensaio nos referimos a ecojoias como os objetos, de maneira geral, e Ecojóias da Amazônia, como a empresa localizada na região Norte do Brasil que confecciona e vende esses objetos.

Em 2004, a empresa Ecojóias da Amazônia realiza a sua primeira grande exportação para a Europa. O mundo passa a conhecer os produtos confeccionados a partir de sementes maduras coletadas na floresta amazônica e que não germinaram. Eis a matéria-prima para pulseiras, brincos e colares que não somente a população local teve acesso, mas também pessoas de outros lugares do mundo. A produção dessas bijouterias iniciou em 1989 por meio do trabalho do artesão Carlinhos da Praça.



Figura 1 Gargantilha de cinco voltas de tubinhos de açaí branco e pupunheira.

Fonte www.ecojojas.com.br

O ofício é resumido como “adornos da natureza transformados em acessórios ecologicamente corretos”. O apelo ao “ecologicamente correto” passa a ser uma das causas defendidas na confecção das joias. A divisão do trabalho para a produção das ecojoias se estrutura basicamente com as pessoas que coletam, perfuram e selecionam as sementes. Mas além do destaque para o desenvolvimento sustentável – já que muitas comunidades da



Figura 2 Bracelete com cinco voltas de muruci cascalho citrino e pupunheira.

Fonte www.ecojoias.com.br

região têm nesse trabalho a sua fonte de renda, sem a necessidade de derrubar a floresta –, os usos e costumes da população amazônica, as lendas e festividades, a relação homem-natureza também são importantes fontes de inspiração que deixam suas marcas nas ecojoias, como registra o site Ecojoias da Amazônia, com

destaque para a missão da empresa:

Oferecer a cultura, os sentimentos e a natureza amazônica em forma de produtos ecológicos e socialmente responsáveis, surpreendendo o mercado, proporcionando bem-estar e satisfação aos nossos colaboradores e clientes. (...) O artesanato é a arte que expressa uma cultura, uma prática singular que sempre necessitará do homem para realizá-la. Desta forma, à medida que a Ecojoias se desenvolve, mais talentos serão descobertos e mais recursos serão gerados aos ribeirinhos e comunidades carentes da Amazônia.⁵

No contexto contemporâneo, em um mundo dito “globalizado”, as ecojoias da Amazônia passam a alcançar novos mercados, em lugares distantes da região na qual são produzidas. Mas quais valores são mantidos ou agregados nesse processo?

Ecojoias em um mundo globalizado

De acordo com a exposição crítica de Waters (1999), podemos observar que as questões relacionadas às ecojoias da Amazônia têm um princípio globalizado. Dizemos isso no sentido do que Ulrich Beck (1992) define como o perigo na modernidade. De acordo com o autor, citado por Waters, os perigos nos dias atuais também são globalizados. Coisas que antes diriam respeito apenas às suas localidades geográficas, hoje afetam toda a comunidade mundial. As preocupações ambientais, no que diz respeito à Amazônia principalmente, talvez sejam um dos principais exemplos dessa globalização do perigo, visto que várias nações se posicionam frente às questões da preservação da natureza e mesmo sobre as noções do desenvolvimento sustentável. Os amazônidas devem preservar a Amazônia, pois ela é o “pulmão do mundo”. Essa comparação, mesmo sendo

⁵ C.f. www.ecojoias.com.br.

cientificamente refutada, mostra um pouco da importância que a região toma como salvaguarda para o mundo no presente e no futuro.

Em outro âmbito, a produção de ecojoias com sementes amazônicas caracteriza bem aquilo que Waters denomina como ao mesmo tempo globalização e individualização da cultura. Materiais antigamente utilizados por indígenas e populações tradicionais, muitas vezes com objetivos místicos, passam a ser comercializados em escala global sendo desencaixados de seu simbolismo original. Afinal essas ecojoias perdem a sua característica mística e passam a ser adornos. De outro ponto de vista, o comércio desses produtos permite a mundialização de uma cultura particular, cultura fortalecida porque é reconhecida e incentivada.

Considerações finais

Este trabalho surgiu com a proposta de estabelecer uma reflexão em torno da produção das ecojoias na região amazônica do Brasil e os conceitos discutidos por Malcolm Waters (1999) sobre o fenômeno da globalização. Desse modo, podemos notar que a globalização, como um fenômeno a longo prazo, chegou afetar mesmo lugares outrora tidos como remotos. Afinal, a Amazônia foi um espaço povoado de mistérios, de monstros e fantasmas e das sombras de suas árvores imensas e de sua mata fechada. Um local que dava medo nos colonizadores e desbravadores.

O cenário mudou com os ciclos da borracha, que levaram a uma exploração mais acentuada da região e, posteriormente, com a ditadura militar e o velho slogan “Uma terra sem homens para homens sem terra”. Hoje, mesmo sociedades indígenas, muitas vezes consideradas enclaves, já participam do jogo da globalização, da aldeia global e as ecojoias produzidas com inspirações em seus aspectos culturais são apenas um dos fortes indícios desse processo.

Appadurai afirma que nas sociedades modernas, a globalização já chegou a praticamente todos os cantos do mundo. Não da mesma maneira, mas sim com gradações de forma e de influências. Com um mundo formado agora por uma colcha de retalhos sociocultural, cada sociedade e cada cultura possuem um papel mais e mais acentuado e que culminam com o que autor chama de cinco landscapes ou cenários do mundo globalizado.

Esses landscapes traduzem, de alguma forma, as mudanças que ocorreram neste mundo largamente globalizado. São eles o fluxo de imagens, pessoas, mercadorias, ideologias e tecnologia. A questão das ecojoias da Amazônia podem ilustrar esses cenários

uma vez que representam o fluxo de uma ideologia e de uma imagem ambientalista que preza pelo reaproveitamento sustentável dos produtos da floresta; o fluxo de mercadoria, já que, em suma, o negócio de ecojoias serve para movimentar a economia tanto de grandes empresas – a exemplo da citada no trabalho – como das próprias populações tradicionais que produzem; fluxo de tecnologia, no sentido em que as populações são capacitadas para produzir cada vez mais, mais rápido e melhor. Uma questão regional que ganha proporção globalizada, mantendo aspectos originais, mas constantemente sendo reapropriada por outras culturas num processo definido por muitos autores como desterritorialização e reterritorialização.

Referências bibliográficas

ARAGÓN, Luis E. **Há futuro para o desenvolvimento sustentável da Amazônia?** Belém: NAEA, 2002. Disponível em <http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivo/secex/sti/indbrasopodesafios/coletanea/ofutamazonia/02LuisAragon.pdf> Acesso 25/03/2012.

ECOJÓIAS DA AMAZÔNIA. **A Ecojóias**. Disponível em www.ecojoiias.com.br Acesso em 25/03/2012.

LOUREIRO, João de Jesus. **Obras reunidas – Cultura amazônica**: Uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

MOTA, Carlos Renato. As principais teorias e práticas do desenvolvimento. In: **A Difícil Sustentabilidade: Política energética e conflitos ambientais**. Marcel Bursztyn (org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2001, pp. 27-40.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Produção de sentidos sobre a Amazônia: dos colonizadores aos tempos atuais. In: Otacílio Amaral Filho, Fábio Fonseca Castro e Netília Silva dos Anjos Seixas (Orgs.). **Pesquisa em Comunicação na Amazônia**. Belém: FADESP, 2010.

STEINBRENNER, Rosane. Centralidade Ambiental x Invisibilidade Urbana (ou os novos “fantasmas” da Amazônia). In: Luis E. Aragón e José Aldemir de Oliveira (Orgs.). **Amazônia no Cenário Sul-Americano**. Manaus: Editora da UFAM, 2009, pp.19-40.

WATERS, Malcolm. **Globalização**. Oeiras: Celta Editora, 1999.